

O ESTEREÓTIPO DE UNIVERSITÁRIOS A RESPEITO DO ÍNDIO BRASILEIRO

Álvaro Tamayo
Universidade de Brasília

RESUMO - Foi objetivo da presente pesquisa estudar o conteúdo do estereótipo a respeito do índio brasileiro. A amostra foi composta de 582 estudantes universitários de ambos sexos. O levantamento do estereótipo foi feito através da técnica de associação de palavras, sendo "índio" a palavra-estímulo. A fim de estabelecer a probabilidade de atribuição de cada palavra-resposta, foi solicitado aos sujeitos para indicarem porcentagem de índios e de brasileiros por eles caracterizados através dos atributos fornecidos. Os resultados revelaram um estereótipo composto quase exclusivamente por símbolos externos ao índio e parcialmente influenciado pelo sexo dos sujeitos.

UNIVERSITY STUDENTS STEREOTYPE OF THE BRAZILIAN INDIAN

ABSTRACT - This research was designed to study the content of the Brazilian Indian stereotype. A sample of 582 male and female university students was used. The word-association technique was employed, "indian" being used as the stimulus-word. Subjects were asked to indicate the percentage of Indians and Brazilians characterized by each of their responses, in order to establish the diagnostic ratio for each word-associated with the stimulus. The indian stereotype was composed, almost exclusively, of external symbols and its content was partially affected by subject's gender.

O estudo dos estereótipos é de grande importância para a Psicologia Social, já que através deles expressam-se as atitudes sociais e culturais. Por outra parte, eles são fatores muito significativos das relações interpessoais e intergrupais.

Apesar das numerosas pesquisas realizadas nesta área, o conceito de estereótipo tem sido pouco estudado e insuficientemente elaborado. Vários fatores parecem ter colaborado para esta situação, tais como:

- 1) - A aparente simplicidade do conceito de estereótipo.
- 2) - A polarização da maioria dos estudos empíricos em torno dos estereótipos raciais e étnicos, os quais, certamente, não constituem um conjunto representativo da atividade estereotípica. Como observam Stewart, Powell e Chetwynd (1979), o material destes estereótipos é remoto e, geralmente, os sujeitos tem pouco ou nenhum conhecimento de primeira mão relativo às pessoas que integram a categoria que eles têm que julgar ou descrever. Não há dúvida de que o estudo de estereótipos relativos a grupos de pessoas com as quais os sujeitos têm experiência direta e cotidiana, tais como estereótipos sexuais e corporais, con-

tribuíram de forma significativa para à compreensão do conceito de estereótipo.

- 3) - O procedimento utilizado para o levantamento dos estereótipos tem sido, freqüentemente, o "checklist", isto é, uma lista de adjetivos, previamente elaborada, com instruções para os sujeitos escolher entre esses adjetivos aqueles cinco ou dez que melhor caracterizam o grupo estudado. Este procedimento, além de artificialmente forçar os sujeitos a estereotipar, estabelece limites para o conteúdo do estereótipo.
- 4) - A evidência da existência de um estereótipo é estabelecida, na maioria dos estudos empíricos, através do consenso entre os sujeitos em torno de um conjunto de traços por eles atribuídos a um grupo de indivíduos. Esta metodologia é inadequada para identificar os estereótipos idiossincráticos, que Secord e Backman (1964) chamam de estereótipos pessoais.
- 5) - Do ponto de vista teórico, passaram-se várias décadas sem que praticamente ninguém se interessasse em analisar criticamente o conceito de estereótipo e elaborar um construto sólido e rigoroso. A definição de estereótipo dada por Lippman em 1922, que foi adaptada posteriormente por Katz e Braly (1933) e, parcialmente mutilada, persiste até o dia de hoje. O primeiro estudo consagrado a estudar teórica e empiricamente este conceito foi publicado em 1979 por Stewart et al.

Faz-se mister, portanto, discutir em primeiro lugar o conceito de estereótipo a fim de evitar ambigüidades e justificar a metodologia utilizada na presente pesquisa.

Quais são os elementos fundamentais no conceito tradicional de estereótipo? Praticamente todos os autores concordam com Lippman em que o estereótipo é uma generalização. A partir de uma característica, é elaborada uma série de expectativas e atribuições que, por causa da sua simplicidade, é inadequada para descrever uma categoria de pessoas. Os estudiosos do tema salientam também as seguintes características dos estereótipos:

- a) - rigidamente estruturados e resistentes a novas informações (Borgardus, 1950; Katz e Braly, 1935; Kerr, 1943; Scott, 1965);
- b) - produzidos através de um raciocínio ilógico (Bogardus, 1950; Fishman, 1956; Klíneberg, 1951; Sanford, 1956; Zawadzki, 1948); e
- c) - recebidos, mais ou menos passivamente, dos outros e da cultura em geral (Katz e Braly, 1935); Klineberg; 1967; Prothro e Melikian, 1954).

Assim, os estereótipos apresentam do ponto de vista cognitivo, duas falhas fundamentais, que fazem com que eles sejam uma generalização incorreta:

- a) - o processo, isto é, o raciocínio ilógico, através do qual são elaborados; e
- b) - o conteúdo do estereótipo, quer dizer, a falta de correspondência com os fatos relativos ao grupo estereotipado. Contudo, como observa Brigham (1971), geralmente não existem critérios disponíveis para avaliar até que ponto os estereótipos satisfazem as exigências relativas ao conteúdo e ao processo.

O conceito tradicional de estereótipo integra geralmente quatro elementos: ele é incorreto, elaborado através de um processo cognitivo inaceitável, passivo e resistente à mudança. Faz-se mister, porém, salientar que nenhuma dessas características foi estudada empiricamente (Brigham, 1971) e que existem incongruências na sua atribuição aos estereótipos (McCauley, Stitt e Segal, 1980).

As numerosas dificuldades do conceito tradicional de estereótipo levaram Brown (1958) a se perguntar se os psicólogos sociais não estariam utilizando o término "estereótipo" para condenar crenças que eles não aprovam, mas contra as quais não possuem nenhuma evidência. Será que eles não estão utilizando a ciência com um fim moralizador? Se pergunta Brown.

Uma análise cuidadosa da noção de estereótipo dada por Lippman, revela que para ele os estereótipos são elementos fundamentais do conhecimento humano. Através deles, o indivíduo consegue reduzir e simplificar os inúmeros estímulos presentes no "mundo exterior", do qual é difícil ter um conhecimento direto por causa da sua enormidade, complexidade e mutabilidade. Um conhecimento direto do mundo físico e social, como ele é na realidade, é impossível. Conseqüentemente, cada indivíduo tem que construir ativamente um mundo perceptivo, quer dizer, cognitivo. Através de generalizações e de classificações, o input sensorial é transformado em conjuntos significativos. Os estereótipos são uma resposta à complexidade do mundo real. Segundo Lippman, eles são necessários e o seu abandono, em proveito de uma abordagem mais direta e precisa, empobreceria a vida humana.

O caráter ativo e a natureza criadora dos estereótipos, bem como a sua função estruturadora do mundo exterior em conjuntos significativos, foram explicitamente enfatizados por Lippman em 1922. É surpreendente que, através de várias décadas, estas características tenham sido quase completamente ignoradas. McCauley *et al.* (1980) enfatizam que se chegou mesmo a estabelecer uma espécie de discriminação com respeito às generalizações que constituem os estereótipos. De fato, as generalizações relativas aos atributos das moléculas, dos astros, dos animais são simplesmente generalizações, ao passo que as generalizações relativas às mulheres, aos pretos, aos cariocas, aos índios, são estereótipos que, por definição, são incorretos, resistentes a novas informações e elaborados a partir de um raciocínio ilógico. Segundo Insko e Schopler (1972), nunca foi estabelecido um critério bem definido para distinguir entre generalizações que constituem os estereótipos e aquelas que são simplesmente generalizações.

Nos últimos anos o conceito de estereótipo tem sido colocado no contexto da Psicologia da predição (McCauley e Stitt, 1978; McCauley *et al.* 1980). Os estereótipos são considerados como predições probabilísticas, baseadas nas informações relativas à afiliação aos grupos. O estereótipo que descreve o homem como agressivo, por exemplo, não significa necessariamente que todos os homens, e só eles, sejam agressivos; ele significa simplesmente que eles, mais provavelmente do que as mulheres, são agressivos. Da mesma maneira, o estereótipo que descreve os mineiros como "pão-duros" expressa uma predição diferencial baseada nas informações relativas aos grupos regionais. A predição diferencial pode ter como ponto de comparação um grupo complementar (as mulheres com respeito aos homens), ou a totalidade dos indivíduos do mundo ou de um país. Neste último caso, a predição estabelece a diferença entre um grupo, os mineiros, e o resto dos brasileiros. Se os estereótipos são considerados como predições probabilísticas, logicamente pode-se utilizar, para a sua medida, o teorema de Baye, já que ele é um modelo normativo das predições probabilísticas. Dados os eventos A e B a fórmula de Baye estabelece que:

$$p(B/A) = p(B) \times \frac{p(A/B)}{p(A)}$$

a probabilidade de B, condicionada à ocorrência de A, é igual à probabilidade de B, multiplicada pela probabilidade de A condicionada a ocorrência de B, dividida pela probabilidade de A. No caso dos estereótipos, o teorema pode ser formulado sob a forma de uma razão que McCauley et al, (1980) qualificam de razão diagnóstica (RD). Assim,

$$RD = \frac{p(\text{característica X}/\text{Grupo A})}{p(\text{característica X}/\text{Grupo B})}$$

Por exemplo, se o grupo estudado é o dos cariocas e a característica é "alegre", a razão diagnóstica será igual ao quociente entre a porcentagem de cariocas e a porcentagem de brasileiros que são alegres. Tal medida não depende mais do consenso grupai, uma vez que ela permite que cada sujeito expresse seu ponto de vista a respeito da extensão na qual um grupo regional difere de todas as outras pessoas do país. Um quociente significativamente diferente de 1 indica que a característica estudada é aplicada estereotipicamente e a diferença com relação a 1 revela a força do estereótipo.

Esta concepção do estereótipo tem, entre outras, a vantagem de considerá-lo, não como uma simples generalização, incorreta e rígida, mas como uma tentativa válida de descrever um grupo, utilizando, como base, as informações obtidas através de observações pessoais ou dos outros.

Finalmente, para Stewart et. al. (1979) a função fundamental da atividade estereotípica é a de reduzir a ambigüidade no conhecimento. Neste sentido, eles consideram as noções de estereótipo e de "esquema social" como sendo mais ou menos sinônimas. Esta posição parece justificada já que os esquemas sociais podem ser considerados como a tendência de todo indivíduo a organizar e agrupar, em conjuntos significativos, as situações ambíguas que implicam seres humanos (Kueth, 1962). Os esquemas sociais são a significação aprendida das situações humanas. No contexto desta concepção, a atividade estereotípica perde a sua "má reputação" e passa a ser considerada como um processo central no conhecimento.

Foi objetivo da presente pesquisa estudar o conteúdo do estereótipo do índio brasileiro.

Os estereótipos foram aqui considerados como tentativas válidas de reduzir, a partir da predição probabilística, a complexidade do índio a conjuntos significativos. A hipótese foi que o conteúdo deste estereótipo será muito pobre, já que o índio parece ser pouco conhecido na sociedade brasileira.

MÉTODO

Sujeitos

A amostra foi composta de 582 estudantes universitários, originários das cinco regiões geopolíticas do país mas residentes em Brasília, na época da pesquisa. 284 eram do sexo masculino e 298 do sexo feminino. A idade média foi de 22 anos e 2 meses.

Procedimento

Para o levantamento do estereótipo do índio foi utilizado o método de associação de palavras (Bardin, 1977). Apesar das dificuldades de quantificação inerentes à este método, optou-se pelo mesmo a fim de fazer surgir espontaneamente nos sujeitos associações relativas ao índio e desta maneira captar o conteúdo do estereótipo do mesmo.

Os sujeitos foram solicitados a associar palavras livre e imediatamente ao estímulo índio. Os sujeitos podiam associar ao estímulo quantas palavras quisessem mas só as seis primeiras seriam anotadas pelo pesquisador. De fato, nenhum dos sujeitos foi além de seis palavras. O estímulo era apresentado de novo àqueles sujeitos que se limitavam a dar uma única resposta, a fim de obter mais uma ou duas associações.

Em seguida, os sujeitos tinham que indicar, para cada resposta dada por eles, a porcentagem de índios e de brasileiros que poderiam ser caracterizados pelo atributo analisado. Os atributos que, na razão diagnóstica, apresentaram um quociente superior a um, foram utilizados posteriormente para construir uma tabela de freqüência.

RESULTADOS

O quadro 1 apresenta os atributos estereotipicamente aplicados aos índios (relação diagnóstica > 1) e a freqüência desta aplicação. A importante concentração em torno de determinados adjetivos dos inúmeros teoricamente atribuíveis e a sua atribuição diferencial aos índios confirmam a existência de um estereótipo

QUADRO 1

Diagrama, Razão Diagnóstica e freqüência dos atributos mais associados ao estímulo índio (N = 582)

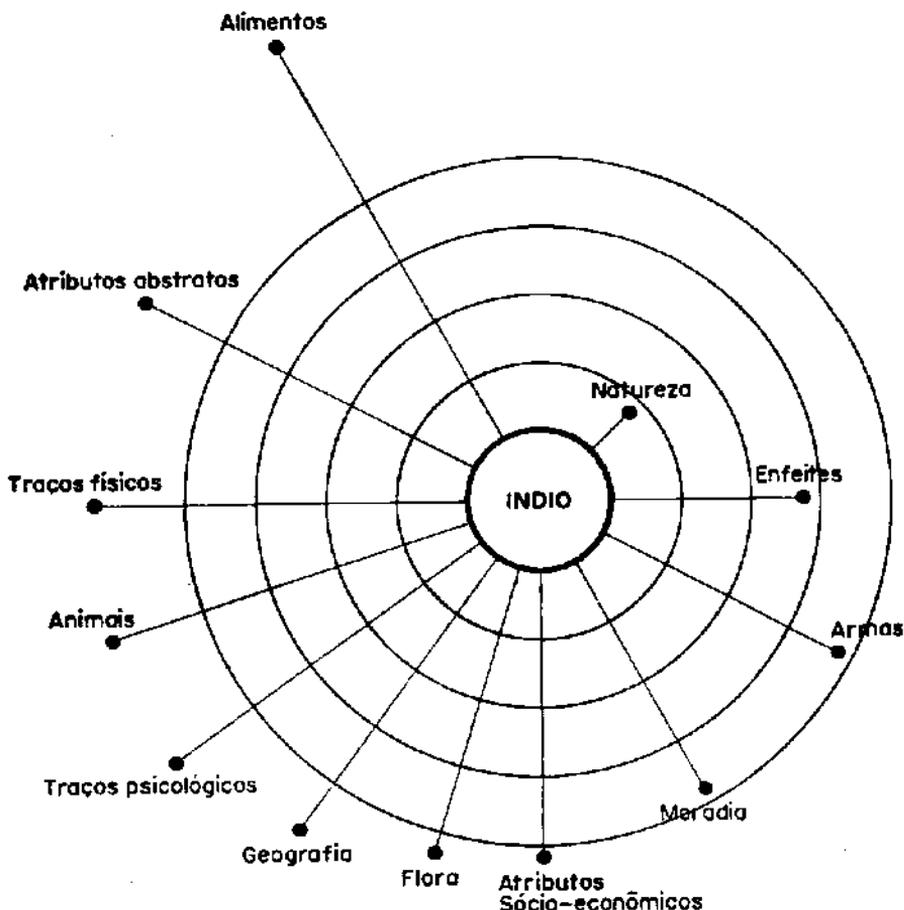
	R.D.	f	
Selva, mato, mata, floresta	5,06	168	—————
Pena, cocar	6,87	166	—————
Flecha, arco, seta	4,12	146	—————
Natureza, terra	4,98	102	—————
Oca, cabana	5,02	90	—————
Juruna, Deputado	3,06	54	—————
Taba, aldeia	4,09	48	—————
Rio	2,96	40	—————
Liberdade, livre	2,57	37	—————
Inocência, pureza, ingenuidade	2,96	36	—————
Caça, caçador	1,98	34	—————
Pintura, tinta	2,19	32	—————
Nu, nudez	4,02	32	—————
Selvagem, incivilizado	2,18	30	—————
Tanga, saiotê	2,97	28	—————
Cacique	2,69	24	—————
Árvore, palmeira	1,87	20	—————
Cultura	1,49	17	—————
Funai	3,16	16	—————
Pesca	1,67	16	—————
Tenda	1,85	13	—————
Vermelho	1,93	11	—————
Guerreiro	1,77	11	—————
Água	1,58	10	—————
Peixe	1,47	10	—————
Força, robustez	1,42	10	—————
Dança	1,31	10	—————
Beleza, bonito	1,29	10	—————
Moreno	1,17	10	—————

social em relação aos mesmos. O diagrama apresentado no Quadro 1 mostra o conteúdo fundamental deste estereótipo. Selva, mato, mata, floresta, natureza, terra, pena, cocar, flecha, arco, seta, são símbolos concretos do índio brasileiro. As características do meio físico, geográfico, no qual possivelmente mora o índio brasileiro e alguns dos enfeites ou armas por eles utilizados são os elementos básicos do estereótipo social do índio. Assim, os índios são socialmente categorizados pelos sujeitos através de um número reduzido de atributos, em torno dos quais se concentra a impressão que eles têm do índio.

Uma análise mais detalhada dos resultados foi obtida através de uma espécie de fatorização subjetiva de todos os atributos fornecidos pelos sujeitos da amostra. Os atributos foram agrupados em categorias a partir de sua significação mais imediata. Para cada categoria foi calculado o somatório da frequência de todos os seus atributos, a fim de se obter uma idéia da importância de cada categoria na constituição do estereótipo social. O diagrama apresentado no Quadro 2 ilustra esta situação. A categoria central, do ponto de vista da frequência,

QUADRO 2

DIAGRAMA DE CATEGORIAS DE ATRIBUTOS



foi constituída pelos atributos relativos à natureza do habitat do índio. As outras categorias são constituídas pelos adjetivos relativos à:

- enfeites,
- armas,
- tipo de moradia (oca, cabana, tenda, taba, aldeia),
- atributos socioeconômicos (tais como, tribo, selvagem, primitivo, povo oprimido, miséria, fome, etc),
- lugares geográficos,
- flora (árvore, raiz, bambu, cipó),
- animais (cavalo, jacaré, pássaro),
- traços físicos (forte, robusto, olho puxado),
- traços psicológicos (coragem, feroz, fioso, individualista), e
- atributos abstratos (liberdade, inocência).

O conteúdo deste estereótipo é constituído fundamentalmente por símbolos exteriores ao índio, como são as características do meio geográfico em que ele mora. Seria como se o estereótipo do carioca fosse fundamentalmente constituído por atributos tais como Pão de Açúcar, Corcovado, Praia, Mar, Lagoa.

Este resultado pode ser explicado a partir de uma deficiência no conhecimento do índio. A contribuição secundária dos traços de personalidade e mesmo dos traços físicos no conteúdo deste estereótipo sugere que o índio é pouco conhecido dos sujeitos. Nesta situação, ao serem solicitados a associar palavras ao estímulo índio, os sujeitos possivelmente, tiveram que recorrer a generalidades por eles mesmos constatadas ou adquiridas através dos mais variados processos de informação relativos ao habitat, real ou imaginário, do índio.

Solicitados a descrever uma realidade para eles desconhecida ou pouco conhecida os sujeitos teriam elaborado ativamente um conjunto significativo, a partir de informações reduzidas e muito gerais, mas consideradas por eles, do ponto de vista probabilístico, mais características dos índios do que do resto dos brasileiros.

O Quadro 3 apresenta as características atribuídas ao índio exclusivamente pelo sexo masculino ou pelo sexo feminino. Os atributos fornecidos exclusivamente pelo sexo feminino podem ser agrupados em três categorias:

- 1) - Traços físicos: bonito, bronzado, labios grossos...
- 2) - Traços psicológicos: simpático, alegre, divertido, franco...
- 3) - Magia e misticismo: xamã, magia, ritual, interiorização...

As características fornecidas exclusivamente pelo sexo masculino foram agrupadas nas seguintes categorias:

- 1) - Identidade étnica: Carajá, Tocantim, Xavante...
- 2) - Traços psicológicos: agressividade, autonomia, bandido. Observe-se que os atributos desta categoria são bem diferentes daqueles da categoria correspondente ao sexo feminino.
- 3) - Atividades e instrumentos: guerreiro, pescador, luta, canga...
- 4) - Animais: jacaré, onça...

Uma análise dos atributos utilizados com exclusividade pelo sexo feminino, revela que eles fazem parte da categoria de traços expressivos, considerados por vários autores como característicos do papel sexual feminino (Brim, 1958; Johnson, 1963; Parsons e Bales, 1955). Por outra parte, os sujeitos do sexo masculino se servem, além dos atributos relativos à identidade étnica, de características que expressam traços instrumentais. Portanto, parece existir uma

QUADRO 3

Características atribuídas exclusivamente por cada um dos dois sexos.
(Feminino N =298, Masculino N =284)

FEMININO

TRAÇOS FÍSICOS
Bonito
Bronzeado
Lábios grossos
Olho puxado
Pele escura
Nu
Ágil
Exótico

TRAÇOS PSICOLÓGICOS
Simpático
Alegre
Divertido
Franco
Natural

MAGIA E MISTICISMO
Xamã
Magia
Ritual
Interiorização
Sonho
Amor

MASCULINO

IDENTIDADE ÉTNICA
Aimorés
Carajá
Tocantim
Ubirajara
Xavante
Inca
Guarani

TRAÇOS PSICOLÓGICOS
Agressividade
Autonomia
Bandido

ATIVIDADES E INSTRUMENTOS
Guerreiro
Pescador
Luta
Batuque
Canga

ANIMAIS
Jacaré
Onça
Macaco
Arara

influência do sexo sobre o estereótipo do índio, manifestada na utilização de características específicas ao papel sexual de cada sexo na descrição do índio.

Como interpretar esta influência? Como uma projeção de características pessoais ou como um processo seletivo ao nível do que é observado e/ou atribuído? A segunda hipótese parece ser mais adequada, já que as características diferencialmente atribuídas ao índio pelos indivíduos dos dois sexos parecem ser

relevantes no perfil do mesmo. O sexo agiria neste caso como uma categoria cognitiva determinando parcialmente o que é percebido e/ou atribuído.

Além das observações relativas ao conteúdo do estereótipo do índio, os resultados da presente pesquisa parecem ter contribuído à compreensão do conceito de estereótipo e do mecanismo da atividade estereotípica. O processo cognitivo possivelmente utilizado pelos sujeitos na descrição do índio poderia ser diretamente investigado em estudos ulteriores. Ele parece ser característico da atividade estereotípica em que a realidade a ser descrita está fora do alcance dos sujeitos, sendo, conseqüentemente, desconhecida ou pouco conhecida dos mesmos. É o caso, por exemplo, de muitos estereótipos étnicos. Seria igualmente interessante estudar comparativamente este processo com aquele utilizado pelos sujeitos quando a sua tarefa é de descrever um grupo com respeito ao qual eles têm conhecimento de primeira mão através de uma interação quotidiana. Por exemplo, os estereótipos sexuais. Finalmente, seria de grande interesse verificar mais rigorosamente e com vários estereótipos o efeito seletivo do sexo dos sujeitos no processo atributivo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L (1977). *L'Analyse de contenu*. Paris: PUF.
- BOGARDUS, E. S. (1950). Stereotypes versus sociotypes. *Sociology and Social Research*, 34, 525-531.
- BRIGHAM, J. C (1971). Ethnic stereotypes. *Psychological Bulletin*, 76, 15-38.
- BRIM, O. (1958). Family structure and sex role learning by children. *Sociometry*, 21, 1-16.
- BROWN, R. (1958). *Words and things*. Glencol, Ill.: The Free Press.
- FISHMAN, J. A. (1956). An examination of the process and function of social stereotyping. *Journal of Social Psychology*, 43, 27-64.
- INSKO, C A., & SCHÖPLER, J. (1972). *Experimental Social Psychology*. N.York: Academic Press.
- JOHNSON, M. J. (1963). Sex role learning in the nuclear family. *Child Development*, 34, 319-333.
- KATZ, D., & BRALY, K. (1933). Racial stereotypes of one hundred college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 28, 280-290.
- KATZ, D., & BRALY, K. (1935). Racial prejudice and racial stereotypes. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 30, 175-193.
- KERR, M. (1943). An experimental investigation of national stereotypes. *Sociological Review*, 35, 37-43.

- KLINEBERG, O. (1951). The scientific study of national stereotypes. *International Social Science Bulletin*, 3, 505-515.
- KLINEBERG, O. (1967). *Psychologie Sociale*. Paris: PUF.
- KUETH, J. L. (1962). Social Schemas. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 64,31-38.
- LIPPMAN, W. (1922). *Public opinion*. N. York: Hartcourt, Brace & Co.
- McCAULEY, C, &STITT, C. L. (1978). An individual and quantitative measure of stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36,929-940.
- McCAULEY, C, STITT, C L., & SEGAL, M. (1980). Stereotyping: from prejudice to prediction. *Psychological Bulletin*, 87, 195-208.
- PARSONS, T., & BALES, R. F. (1955). *Family, socialization and interaction process*. Glencoe, Ill.: Free Press.
- PROTHRO, E. T., & MELIKIAN, L H. (1954). Studies in stereotypes: III. Arab students in the Near East. *Journal of Social Psychology*, 40, 237-243.
- SANFORD, N. (1956). The approach of the authoritarian personality. Em J. L. McCary (Ed.). *Psychology of personality*. N. York: Grove Press.
- SCOTT, W. A. (1965). Psychological and social correlates of international images. Em H. C. Kelman (Ed.), *International behavior: A social psychological analysis*. N. York: Holt, Rinehart e Wiston.
- SECORD, P. F., & BACKMAN, C. W. (1964). *Social Psychology*. N. York: McGraw-Hill.
- STEWART, R. A., POWELL, G. E., & CHETWYND, S.A. (1979). *Person perception and stereotyping*. Westmead: Saxon House.
- ZAWADZKI, B. (1948). Limitations in the scapegoat theory of prejudice. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 43,127-141.

Artigo recebido em julho de 1985.